

DESEJO DE TER UM FILHO EM JOVENS ADULTOS: IMPACTO DO CONTEXTO SOCIODEMOGRÁFICO E AUTO-ESTIMA

Paula Nelas

Instituto Politécnico de Viseu
Escola Superior de Saúde
pnelas@gmail.com

João Duarte

Instituto Politécnico de Viseu
Escola Superior de Saúde

Emília Coutinho

Instituto Politécnico de Viseu
Escola Superior de Saúde

Cláudia Chaves

Instituto Politécnico de Viseu
Escola Superior de Saúde

Carla Cruz

Instituto Politécnico de Viseu
Escola Superior de Saúde

Fecha de Recepción: 4 Febrero 2019

Fecha de Admisión: 30 Abril 2019

RESUMO

Enquadramento: O Índice Sintético de Fecundidade (ISF) português é dos mais baixos da Europa. No entanto, o desejo de cada indivíduo jovem ter um filho, sem qualquer restrição é superior ao valor de referência para a substituição de gerações. **Objetivos:** Compreender a relação entre as variáveis sociodemográficas e a auto-estima no desejo de ter um filho em jovens adultos. **Métodos:** Estudo quantitativo, descritivo-correlacional, com uma amostra não probabilística por conveniência, constituída por 398 participantes, com uma média de idade de 20,79 anos ($sd=2,785$). O protocolo de investigação foi um questionário que caracteriza o perfil sociodemográfico. Foi ainda incluído o questionário de desejo de ter um filho de Cameira, Cabral, Leal, & Pais-Ribeiro (2000), constituído por três dimensões (parentalidade, necessidades do casal e necessidades egóicas) e escala de autoestima de Rosenberg (Rosenberg, 1965, adaptado). **Resultados:** É no sexo feminino e no grupo etário ≤ 19 anos que o desejo de ter um filho é maior. Ter namorado(a), pertencer a uma família alargada ou não ter irmãos está relacionado com maior desejo de ter um filho, sem diferenças estatísticas significativas. A autoestima tem impacto no desejo de ter um filho.

Conclusões: As equipas multiprofissionais que se relacionam diretamente com jovens adultos devem promover a natalidade, tendo em consideração não só a preparação e capacitação para a parentalidade, mas também a promoção da saúde sexual e reprodutiva.

Palavras-chave: jovem adulto; parentalidade; auto estima

ABSTRACT

Desire to have a child in young adults: Impact of sociodemographic context and self-esteem.

Background: The Portuguese Synthetic Fertility Index (ISF) is among the lowest in Europe. However, the desire of each young individual to have a child without any restriction is higher than the reference value for the replacement of generations. **Objective:** Understand the relationship between sociodemographic variables and self – esteem variables with the desire to have a child. **Methods:** Quantitative, descriptive-correlational study. A non-probabilistic for convenience sampling, composed of 398 participants with an average age of 20.79 years (sd = 2.785). The research protocol was questionnaire that characterizes the sociodemographic sample. Also included, the Questionnaire about desire to have a child (Cameira, Cabral, Leal, & Pais-Ribeiro, 2000), with three dimensions (parenting, needs of the couple and ego needs) and Rosenberg Self – esteem scale (Rosenberg, 1965, adap.). **Results:** It is among women and in the age group ≤ 19 years that the desire to have a child is higher. Having a boyfriend, belonging to an extended family or not having siblings are related to higher desire to have a child, however without significant statistical differences. Self-esteem impacts the desire to have a child. **Conclusions:** Multiprofessional teams that relate directly to young adults should promote birth, taking into account not only the preparation and training for parenting, but also the promotion of sexual and reproductive health.

Keywords: young adult; parenting; self esteem

INTRODUÇÃO

O desejo de ter um filho é uma decisão que consciente ou inconscientemente é influenciado por uma variedade de fatores psicobiológicos, neuro-endócrinos, culturais e sociais, difíceis de identificar devido à sua complexidade e interligações (Gonçalves, 2016; Leal, 2005).

Na atualidade, a decisão de parentalidade é mais racional, pois tem em consideração os prós e contras daí decorrentes. De facto, os indivíduos podem com maior grau de controlo, decidir se querem ter filhos, quantos filhos querem e quando os querem ter (Matias & Fontaine, 2013). De igual modo, verifica-se um adiamento do projeto dos casais em serem pais, também devido à aposta das mulheres na formação e carreira (Zornig, 2010). Decorrente desta multiplicidade de fatores, verifica-se, na atualidade, uma rutura entre conjugalidade e parentalidade, deixando esta de ser o objetivo principal da estrutura familiar.

De acordo com o Relatório de Natalidade em Portugal (Azevedo, 2014), o Índice Sintético de Fecundidade (ISF) português, que traduz o número médio de nados vivos/mulher durante o seu período de fertilidade, encontra-se numa situação de não retorno de cerca de 1,21. Este valor corresponde a um dos mais baixos da Europa (Campos & Faria, 2016) segundo um estudo da Population Reference Bureau que refere uma perda de 1,2 milhões de habitantes até 2050 em Portugal.

No entanto, “as pessoas desejam 2,31 filhos, em média, sendo este valor de 2,29 filhos para as mulheres entre 18 e 49 anos, e de 2,32 para os homens com idades entre 18 e 54 anos” (Azevedo, 2014, p.8). Os níveis de fecundidade desejada, ou seja, o desejo de cada indivíduo ter um filho sem qualquer restrição (social, emocional, física, entre outras) é superior ao valor de referência para a substituição de gerações.

Os casais, em Portugal, não só têm menos filhos, como se verifica um adiamento da maternidade e da paternidade, com uma média de idade para as mulheres de 30,0 anos para o primeiro filho (quatro anos e meio mais tarde que em meados da década de 90) (Mendes, Infante, Afonso, Maciel, Ribeiro, Tomé, & Brazão de Freitas, 2016).

A crise económica não explica tudo, visto que este declínio se tem verificado ao longo de várias décadas. São apontados como argumentos as mulheres interessarem-se mais pela carreira profissional; os casais quererem preferencialmente viajar, estabelecer uma carreira e só depois pensam em filhos, eles e elas terem em geral receio do futuro (mais do que no passado) e por isso evitam tomar decisões que os prendam eternamente, o facto de o Estado não conceder subsídios suficientes, não existirem empregos em *part-time* suficientes, existência de uma nova sociedade feita de novos valores, as mulheres e homens, sobretudo elas, não quererem hipotecar a sua vida muito cedo e ainda os baixos níveis de fecundidade serem um indicador de desenvolvimento económico e social (Mendes *et al.*, 2016).

Apesar da evolução na concetualização da parentalidade, estudos revelam que os casais que optam por não ter filhos muitas vezes são estigmatizados e desvalorizados, pelo facto de não corresponderem às expectativas sociais (Souza & Ferreira, 2005).

Este facto leva-nos a questionar sobre a implicação da autoestima na decisão de ter um filho. Neste âmbito, estudos recentes referentes aos modelos de cognição social indiciam que a personalidade influi na parentalidade através das atribuições, ou seja, através das experiências de vida, o indivíduo desenvolve esquemas cognitivos e afetivos que futuramente interferem com a vivência e expectativa da parentalidade (Barroso & Machado, 2010).

Em relação ao casal, o significado da maternidade/paternidade, poderá ter significados variados ou mesmo antagónicos para o homem e para a mulher, podendo assim a tomada de decisão corresponder à sobreposição das representações de apenas um deles que o outro aceita por “receio de perda” (Canavarro, 2001). Neste sentido, considerámos pertinente incluir no estudo a avaliação da autoestima dos participantes, visto que, segundo Botelho (2012) a autoestima condiciona as relações próximas, onde uma autoestima elevada facilita as relações e uma autoestima baixa estará relacionada com comportamentos de procura de aprovação.

Em relação à influência da autoestima nas relações, Botelho em 2012, refere um modelo de regulação de dependência segundo o qual, os indivíduos com baixa autoestima subestimam os seus parceiros e as percepções positivas que estes têm a seu respeito. Por outro lado, uma autoestima elevada permite maior precisão na forma como se sentem vistos pelo parceiro. Outros estudos, citados por Botelho (2012), sustentam o modelo referindo que o estabelecimento de um vínculo satisfatório com o parceiro depende da autoestima individual.

Apesar de não termos encontrado estudos que relacionem a autoestima com o desejo de parentalidade, a definição da mesma e as implicações desta a nível psicossocial levam-nos a refletir sobre o seu papel. Desta forma questionámo-nos, estará a decisão de ser pai/mãe também relacionada com maior ou menor resistência às pressões sociais e do parceiro (maior ou menor auto estima)?

MATERIAL E MÉTODOS

A amostra foi do tipo não probabilístico por conveniência, constituída por 398 jovens adultos (64 do sexo masculino e 334 do sexo feminino), estudantes do Ensino Superior de duas instituições de ensino superior público da região centro de Portugal, que aceitaram participar no estudo. Os participantes apresentam uma média de idade de 20,79 anos +/- 2,785 dp. Foi critério de exclusão dos participantes já terem filhos. Foram respeitados os procedimentos éticos e legais relativos à aplicação e análise dos dados. O instrumento de cálculo foi o *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), na versão 23.0 para Windows.

O instrumento de colheita de dados foi o questionário que incluiu dados de caracterização socio-demográfica (idade, sexo, estado civil, proveniência, ano de licenciatura, situação profissional, tipo de família, estado civil dos pais, número de irmãos), dados de caracterização sexual e reprodutiva (comportamentos de procura de saúde, atitudes face à reprodução, desejo de ter um filho e condicionantes), dados de caracterização psicológica (autoestima) e o desejo de ter um filho. As escalas utilizadas foram a do desejo de ter um filho (Cameira, Cabral, Leal, & Pais-Ribeiro, 2000) e a de autoestima de Rosenberg (Rosenberg, 1965 adaptado por Santos & Maia, 1999).

CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA, SEXUAL, REPRODUTIVA E PSICOLÓGICA

As estatísticas da idade revelam para a totalidade dos participantes uma média de idade de 20,79 anos +/- 2,785 dp. As idades compreendidas entre os 19 e 20 anos são as mais representadas (42,2% da amostra). A maioria da amostra não está numa relação (55,3%) seguindo-se 44,7% que se encontra numa relação. Relativamente à proveniência, 55,5% é proveniente de zona rural e 44,5% de zona urbana. A maioria (43,5%) frequenta o primeiro

ano, 23,4% frequenta o terceiro ano, 19,6% o segundo ano e 13,6% frequenta o 4º ano/Mestrado integrado. A maioria dos participantes (91%) apenas estuda e 9% é trabalhador estudante. Quanto ao tipo de família, a maioria (65%) pertence a uma família nuclear, 18,4% a uma família alargada e 16,6% a uma família monoparental. A maioria (81,7%) tem os pais casados ou a viver juntos e 18,3% tem os pais separados ou divorciados. A maioria dos (88%) tem irmãos. Relativamente ao número de irmãos, a média da amostra é de 1,37 irmãos, sendo o número máximo de 5 irmãos.

A maioria da totalidade da amostra (53,5%) nunca foi a uma consulta de planeamento familiar. Relativamente ao sexo masculino, 92,2% nunca foi a uma consulta de planeamento familiar, quanto ao sexo feminino, a maioria (53,9%) já foi a uma consulta de planeamento familiar. A maioria dos inquiridos (94,7%), nunca acompanhou o/a namorado(a) a uma consulta de Planeamento Familiar (PF). A maioria dos inquiridos (77,9%), tanto do sexo masculino (78,1%) como do sexo feminino (77,8%) já iniciou a atividade sexual e a maioria da amostra é sexualmente ativa (60,8%), sendo que 68,8% não tem consulta de planeamento familiar pelo menos uma vez por ano. Relativamente à utilização de método contraceutivo, 83,2% refere usar, sendo que 34,6% utiliza um método combinado (preservativo + pílula contraceutiva), seguido da pílula contraceutiva (25%) e preservativo (23,6%).

Os participantes foram solicitados a refletir sobre o desejo de ter filhos no futuro, através das opções: já pensei sobre o assunto e gostava; tenho dúvidas se quero; ainda não pensei sobre o assunto, mas gostava; não quero. A maioria (67,8%) já pensou sobre o assunto e gostava, 16,8% ainda não pensou, mas gostava, 10,3% tem dúvidas se quer ter filhos e 5% não quer ter filhos. A maioria da amostra (59,2%) quer ter dois filhos, 28,2% três ou mais filhos e 12,1% um filho. Para os participantes o fator que consideram mais importante na decisão de ter um filho é a situação financeira (96,2%). A opção menos escolhida (34,4%) foi ter família por perto para ajudar a criar a criança.

Relativamente ao desejo de ter um filho, avaliada pela escala de desejo de ter um filho, a dimensão parentalidade tem um valor mínimo de 1,57 e máximo de 5, com uma média de 4,14. A dimensão necessidades do casal apresentou um valor mínimo de 1 e um máximo de 5, média de 2,52. A dimensão necessidades egoicas apresentou um valor mínimo de 1 e um máximo de 5, com uma média de 2,87. Na globalidade a escala apresentou um valor mínimo de 1,53 e um máximo de 4,87, com uma média de 3,37.

RELAÇÃO ENTRE AUTOESTIMA E DECISÃO DE TER UM FILHO

Os participantes do sexo masculino apresentam maiores níveis de auto estima quando comparados com o sexo feminino, embora as diferenças não sejam estatisticamente significativas. Os jovens com idade igual ou superior a 22 anos apresentam valores médios de autoestima superiores, com diferenças estatisticamente significativas entre os grupos etários ≤ 19 anos - ≥ 22 anos ($p=0,000$) e 20-21 anos - ≥ 22 anos ($p=0,002$). Verificou-se que os participantes que desejam ter três filhos no futuro apresentam maior autoestima, existindo diferenças estatisticamente significativas ($p=0,035$).

DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Antes de iniciar a discussão dos resultados, consideramos importante relembrar as dimensões do questionário “Desejo de ter um filho” para melhor compreensão dos resultados. A dimensão parentalidade, relaciona-se com os sentimentos face às crianças; a dimensão necessidades do casal, relaciona-se com o facto do desejo de ter um filho se associar a crenças relativas à existência de filhos e o sucesso de uma relação ou casamento; a dimensão necessidades egóicas, prende-se com o desejo de ter um filho se associar a necessidades internas/funcionamento do ego do sujeito.

A amostra é constituída por 398 estudantes do ensino Superior, maioritariamente do sexo feminino (84%) com uma média de idades de 20,79 anos, sendo que 37,9% se situa no grupo etário ≤ 19 anos. Também alguns estudos consultados, com amostras de estudantes universitários, apresentavam uma amostra maioritariamente do sexo feminino, Veppo (2016) com 54%, Gonçalves (2016) com 85% e Cordeiro (2012) com 83,3%.

Neste estudo, verificou-se que é o sexo feminino quem tem maior desejo de ter um filho, com diferenças estatisticamente significativas ($p=0,042$). Relativamente às dimensões do desejo de ter um filho, as mulheres apresentam valores de ordenação superiores na dimensão parentalidade ($p=0,000$), no sexo masculino o desejo de ter um filho está mais relacionado com necessidades do casal ($p=0,031$). O significado da maternidade/paternidade, poderá ter significados variados ou mesmo antagónicos para o homem e para a mulher, podendo assim a tomada de decisão corresponder à sobreposição das representações de apenas um deles que o outro aceita por “receio de perda” (Canavarro, 2001). No estudo de Gonçalves (2016) ao utilizar a escala de motivações para a parentalidade, verificou que para uma amostra semelhante, no que diz respeito às motivações positivas para a parentalidade, a dimensão realização pessoal, apresenta diferenças significativas, sendo maior a média no sexo feminino.

Quanto à idade, existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos etários nas dimensões parentalidade, necessidades egóicas e desejo de ter um filho (total da escala). Em todas as dimensões verifica-se que o grupo etário ≤ 19 anos apresenta maior desejo de ter um filho, sendo que este diminui com a idade.

Ainda nos estudos de Cordeiro (2012) e Veppo (2016) verificou-se que 60,3% e 61,3% respectivamente, também se encontram numa relação. O facto de ter namorado(a) está relacionado com maior desejo de ter um filho, embora sem diferenças estatísticas significativas. O facto de ser proveniente de uma zona rural, está relacionado com valores médios superiores do desejo de ter um filho, no entanto sem diferenças estatísticas significativas.

Verificou-se que os estudantes do primeiro ano apresentam maior desejo de ter um filho no futuro, sendo que os valores de ordenação média diminuem conforme a progressão no ensino (ano de curso) e aproximação do mercado de trabalho. Observam-se diferenças estatisticamente significativas relativamente ao ano de licenciatura e o desejo de ter um filho entre os que frequentam o primeiro ano de licenciatura e os que frequentam o terceiro ano ($p=0,028$).

Relativamente ao contexto familiar, a maioria insere-se no tipo de família nuclear (65%) e os pais vivem juntos (81,7%). Veppo (2016) obteve resultados semelhantes com 70,4% da amostra a referir ter os pais a vierem juntos. Indivíduos pertencentes a famílias alargadas apresentam maior desejo de ter um filho, embora estas diferenças não sejam estatisticamente significativas. No entanto, relativamente à dimensão necessidades do casal, observaram-se diferenças estatisticamente significativas entre pertencer a uma familiar nuclear e família monoparental ($p=0,043$) e pertencer a uma família monoparental e família alargada ($p=0,021$), sendo que quem pertence a uma família alargada tem maior desejo de ter um filho nesta dimensão, seguidos da família nuclear e monoparental. Também, indivíduos cujos pais vivem juntos apresentam maior desejo de ter um filho ($p=0,041$).

A maioria da amostra (88%) tem irmãos, sendo que na maioria tem um irmão (73,8%). Verificou-se que não ter irmãos se relaciona com valores de ordenação media superiores relativamente ao desejo de ter um filho, embora estas diferenças não sejam estatisticamente significativas.

Os jovens com idade igual ou superior a 22 anos apresentam valores médios de autoestima superiores, com diferenças estatisticamente significativas entre os grupos etários ≤ 19 anos - ≥ 22 anos ($p=0,000$) e 20-21 anos - ≥ 22 anos ($p=0,002$). Verificou-se que os participantes que desejam ter três filhos no futuro apresentam maior autoestima, existindo diferenças estatisticamente significativas ($p=0,035$). Segundo Gonçalves (2016), estes resultados sugerem que quando o desejo de ser pai ou mãe está relacionado com recompensas internas da parentalidade, nomeadamente resposta ao instinto biológico, desejo de vínculo com a criança, desejo de experienciar a gravidez, desejo de criar uma família, entre outros, se verifica maiores níveis de dependência psicológica às figuras parentais. Segundo Botelho (2012) a autoestima condiciona as relações próximas, onde uma autoestima elevada facilita as relações e uma autoestima baixa estará relacionada com comportamentos de procura de aprovação. Neste âmbito, o mesmo autor, refere um modelo de regulação de dependência segundo o qual, os indivíduos com baixa autoestima subestimam os seus parceiros e as percepções positivas que estes têm a seu respeito. Por outro lado, uma autoestima elevada permite maior precisão na forma como se sentem vistos pelo parceiro. Outros estudos, citados por Botelho (2012), sustentam o modelo referindo que o estabelecimento de um vínculo satisfatório com o parceiro depende da autoestima individual.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Azevedo, J. (coord.). (2014). *Por um Portugal amigo das crianças, das famílias e da natalidade (2015-2035): Remover os obstáculos à natalidade desejada*. Lisboa: IFSC - Instituto Francisco Sá Carneiro. Acedido em http://www.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/CRP/docs/Relatorio_Natalidade_em_Portugal.pdf
- Barroso, R., & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica*, 52(1), 211-229. Acedido em <http://impactum-journals.uc.pt/psychologica/article/view/996/445>
- Botelho, N. N. S. (2012). *Auto-estima, conhecimento do par amoroso e estratégias de coping: Percepção dos jovens adultos sobre o apoio à relação amorosa* (Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa). Acedido em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/8049>
- Cameira, S., Cabral, I. P., Leal, I., & Pais-Ribeiro, J. L. (2000). Desejo de um filho. In 3º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde, *Psicologia da saúde nas doenças crónicas* (pp. 771-777). Lisboa: ISPA, 2000. Acedido em <http://www.isabel-leal.com/portals/1/pdfs/desejo%20de%20um%20filho.pdf>

- Campos, A., & Faria, N. (2016, Agosto 29). Em 2050, Portugal deverá ter menos 1,2 milhões de habitantes. *Jornal Público*. Acedido em <https://www.publico.pt/sociedade/noticia/em-2050-portugal-devera-ter-menos-12-milhoes-de-habitantes-1742347>
- Canavarro, M. C. (ed.) (2001). *Psicologia da gravidez e da maternidade*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Cordeiro, R. (2012). *Vinculação e temperamento afetivo em jovens adultos* (Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa). Acedido em <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/2339>
- Gonçalves, S. C. S. (2016). *Vinculação em jovens adultos e motivação para a parentalidade* (Dissertação de mestrado, Universidade Portucalense). Acedido em <http://repositorio.uportu.pt/xmlui/handle/11328/1483>
- Leal, I. (2005). *Psicologia da gravidez e da parentalidade*. Lisboa: Fim de Século.
- Matias, M., & Fontaine, A. (2013). Desenvolvimento e validação factorial da escala de motivos face à parentalidade. *Paidéia*, 23(54), 9-20. Acedido em <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v23n54/0103-863X-paideia-23-54-00009.pdf>
- Mendes, M. F., Infante, P., Afonso, A., Maciel, A., Ribeiro, F., Tomé, L. P., & Brazão de Freitas, R. (2016). *Determinantes da fecundidade em Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. Acedido em <https://www.ffms.pt/FileDownload/83a777a4-2a65-4afe-ab1a-3fb866fecb2b/determinantes-da-fecundidade>
- Santos, P. J., & Maia, J. (1999). Adaptação e análise factorial confirmatória da Rosenberg self-esteem scale com uma amostra de adolescentes: Resultados preliminares: In A. P. Soares, S. Araújo, & S. Caires (Orgs.), *Avaliação psicológica: Formas e contextos* (Vol. 6, pp. 101-103). Braga: Apport. Acedido em https://www.researchgate.net/profile/Paulo_Santos50/publication/40004228_Adaptacao_e_analise_factorial_conformatoria_da_Rosenberg_self-esteem_scale_com_uma_amostra_de_adolescentes_Resultados_preliminares/links/5ae1f2f9aca272fdaf8e85ff/Adaptacao-e-analise-factorial-conformatoria-da-Rosenberg-self-esteem-scale-com-uma-amostra-de-adolescentes-Resultados-preliminares.pdf?origin=publication_detail
- Souza, D., & Ferreira, M. (2005). Auto-estima pessoal e coletiva em mães e não-mães. *Psicologia em Estudo*, 10(1), 19-25. Acedido em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n1/v10n1a03.pdf>
- Veppo, F. F. C. (2016). *Como os nossos pais? Uma investigação transcultural sobre vinculação parental e amorosa* (Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra). Acedido em <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/35412>
- Zornig, S. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: O processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanalítico*, (42)2, 453-470. Acedido em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_art-text&pid=S0101-48382010000200010

